

André Janones (2023). *Janonismo cultural: o uso das redes sociais e a batalha pela democracia no Brasil*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 176 pp. (ISBN: 978-65-5802-109-4). Paperback.

Mário Jorge de Paiva¹

Desde a vitória eleitoral de Donald Trump e Jair Bolsonaro surgiu no Brasil uma nova leva de estudos sobre a direita política. Logo, atualmente, há diversos materiais interessantes sobre o tema, de autores como João Cezar de Castro Rocha (2023), Jairo Nicolau (2020), Camila Rocha (2021) e, claro, pensamos em alguns de nossos próprios trabalhos também – ver Mário Paiva, 2024, ou Gustavo Azevedo e Mário Paiva, 2022.

O livro de André Janones – *Janonismo cultural: o uso das redes sociais e a batalha pela democracia no Brasil (Cultural janonism: the use of social media and the battle for democracy in Brazil)* – entra nessa lista de materiais relevantes, mesmo que ocupe uma posição distinta, no sentido de que é uma reflexão sobre a política na era da *internet*, mas Janones também foi um dos principais pilares, na *internet*, da campanha presidencial de 2022, campanha essa que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva pela terceira vez como presidente, em uma intensa

¹ Doutor em Ciências Sociais pela PUC-Rio e professor da rede estadual de São Paulo.

oposição ao então presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). O texto, por isso, é uma reflexão, contudo também é uma história dos bastidores.

Antes de continuarmos, vale aqui uma breve biografia de André Luis Gaspar Janones, mais conhecido como André Janones. Tal político brasileiro nasceu em 1984 em Minas Gerais, na região Sudeste do Brasil. Iniciou sua vida profissional como cobrador de ônibus, mas depois conseguiu um emprego como escrevente no Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. Em 2008 passou na Prova da OAB, Ordem dos Advogados do Brasil, e abriu seu escritório de advocacia, André Janones & Advogados Associados. Em 2016 concorreu ao cargo de prefeito de Ituiutaba, município brasileiro, porém ficou em segundo lugar. Ganhou notoriedade política maior em 2018, quando participou de uma grande greve de caminhoneiros, que também ficou conhecida como a Crise do Diesel, sendo hoje deputado federal por Minas Gerais.

Janones inicia o livro refletindo como as redes sociais e a *internet* possuem atualmente uma grande importância nas eleições, algo que pode ser entendido melhor se cruzarmos tais informações com os trabalhos de Empoli (2020) ou Nicolau (2020). A eleição do governo de Donald Trump (2017-2021) ou o Brexit (2020) apontam para isso, há algo de negativo e perigoso no

panorama político atual, com *fake news*, *memes* e *bots*, criados por campanhas da direita radical.

Um dos pontos mais óbvios, e que Janones repete pelo livro, é como a direita radical entendeu o funcionamento das redes, enquanto a candidatura de Lula ainda estava pensando em um modelo de velha política. Sua atuação na *web* era muito formal, não entendendo essa lógica própria das diferentes plataformas existentes, sejam elas Facebook, YouTube, Twitter, atualmente X, Telegram etc. O próprio Lula nem possuía celular nessa época, logo tudo lhe era estranho nesses meios. O eleitor, na leitura de Janones, não quer um político bem arrumado e falando um texto decorado. O eleitor quer emoção, assim faz parte o improvisado da fala, a câmera tremendo, os discursos de indignação e revolta; o tosco é proposital. Janones está dizendo, ao seu modo, que essa nova política não possui mais espaço para um presidente como Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), que era um intelectual da USP, Universidade de São Paulo, com linguagem pomposa; para mais detalhes sobre a trajetória de Fernando Henrique ver o livro *O Improvável Presidente do Brasil* (Cardoso, 2013).

Há em Janones um manual prático de atuação na *internet*. Ele entende como a linguagem precisa ser bastante simples para acessar classes sociais sem instrução e carentes de serviços sociais. Uma maioria que com acesso ao digital

pode se tornar refém de mentiras absurdas, *vide* o suposto *Kit Gay* na eleição de 2018.

O autor fala sobre diversos aspectos dessa produção de material para a rede, produção essa que ele diz ter aprendido de forma prática. É um jogo de saber escolher o melhor título, escolher a melhor *thumbnail*, saber em que dias publicar, com qual público se está falando, como não dispersar essa atenção do público com diferentes temas etc.

O necessário era a esquerda política parar de falar para seus próprios pares e romper certo elitismo. Entender que na pandemia, em um país ainda profundamente desigual como o Brasil,² a questão principal de muitas famílias não era a COVID ou a vacinação, mas a fome. Como alguém que possuiu uma infância simples, Janones diz que sabe como o *calo* que mais aperta é o estômago, alguns dias de isolamento social e o deputado já recebia fotos de geladeiras vazias (Janones, 2023, p. 62).

Outro elemento dissecado por Janones é como é importante pautar o debate nas redes, logo isso foi o que ele fez, ou tentou fazer, em diversos momentos. O tempo perdido pela candidatura de Bolsonaro, com o tema X ou Y, envolvia essa máquina de mentiras constantes, de sua campanha eleitoral, dar uma pausa. É uma estratégia de desviar o foco. Em que usar o tempo

² Para mais detalhes sobre a economia política brasileira, vale conferir Baer (2009).

combatendo uma *fake news* pode ser inútil, pois termina dando maior visibilidade para a mentira em si (Janones, 2023, p. 74). Desmentir uma *fake news* envolve escolher a plataforma certa e o momento certo para se fazer isso, caso contrário o melhor, nessa leitura, talvez seja simplesmente mudar o foco do debate.

Um exemplo bastante pragmático disso foi quando tal direita começou a espalhar a informação de que o satanista Vicky Vanilla estava apoiando Lula. Para quem não conhece, Vanilla, também conhecido como Mestre Vanilla, é um influenciador digital esotérico, provavelmente com formação em História ou Teologia, que possui ampla participação em *podcasts*, e outras produções digitais, falando exatamente sobre ocultismo e satanismo. A resposta de Janones ao evento foi então, literalmente, produzir material mais bombástico, para desviar o foco. Mostrando, por exemplo, uma foto de Bolsonaro em uma loja maçônica e assim avivando um pânico moral cristão, em uma série de ilações de que Bolsonaro poderia ter pactos satânicos na maçonaria.

Vindo de uma cidade pequena do interior, toda a carreira de Janones, mesmo na época em que era exclusivamente um advogado, parece envolver usar a *internet* como uma ferramenta muito útil de pressionar diferentes esferas do poder. Janones é o modelo de um novo tipo de político, que agora se destaca pelo bom manejo das redes sociais.

Mesmo existindo similaridades entre o que o Janones faz e o que a direita radical faz, o mesmo ainda enxerga diferenças entre os modelos, até mesmo por ele ter recebido aproximadamente 300 ameaças de morte; Janones também foi informado pela Polícia Federal que seu nível de risco de vida ficou, em certo momento, maior do que o do próprio Lula. Em uma escala de 0 até 10, Lula se apresentava como risco 7 e ele 8 (Janones, 2023, p. 104).

Este é o ponto, o janonismo cultural é uma estratégia para disputar de forma intensa e contínua essa atenção do público na *internet*, usando as armas da direita radical contra ela mesma. Se eles xingam, Janones xinga. Se eles mostram um satanista apoiando Lula, ele desvia o foco para uma possível relação de Bolsonaro com um pacto satânico dentro da maçonaria. Por a própria campanha de Lula ainda não saber usar bem essas redes sociais, de importância vital na eleição, isso terminou por dar para Janones todo o destaque que ele recebeu em 2022.

Janones fez uma *live* em que mostrou fotos de Bolsonaro com o ex-presidente Collor de Mello (1990-1992), bastante impopular, dando a entender que Bolsonaro poderia colocar Collor como ministro. Nunca ninguém disse que Collor estava sendo cotado para um cargo de ministro, assim sendo há uma dimensão de manipulação muito clara nesse tipo de discurso. Explorando,

inclusive, o próprio fato de Bolsonaro fazer uma série de afirmações bizarras, o que dá muito material para uma crítica contundente aos seus apoiadores.

Janones explorou desde falas de Bolsonaro que davam a entender que ele já praticou zoofilia (Janones, 2023, p. 144) até falas em que ele dava a entender que tinha assediado menores de idade, imigrantes da Venezuela (Janones, 2023, p. 154). Não é possível medir o exato impacto dessas ações de Janones, mas pelo seu tamanho nas redes sociais é bastante crível que esse impacto existiu.

Outra fonte de exploração, desse modelo de Janones, envolveu os próprios aliados ou ex-aliados de Bolsonaro: um evento importante, antes do 2º turno, foi como o bolsonarista Roberto Jefferson ao receber um mandado de prisão revidou, dando aproximadamente 50 tiros de fuzil e disparando 3 granadas contra os agentes da Polícia Federal (Janones, 2023, p. 147). Em outro momento para desestabilizar Bolsonaro, antes do último debate eleitoral, Janones disse na *internet* ter conseguido informações comprometedoras de seu ex-aliado Gustavo Bebianno, já falecido; havia um boato de que o celular de Bebianno possuía muitas informações comprometedoras (Janones, 2023, p. 165). Janones também explorou uma fala infeliz do então Ministro da Economia, Paulo Guedes, que declarou que o poder de compra da população ia cair (Janones, 2023, p. 162).

Por tudo que já foi visto, o livro é uma análise real de um modelo de combate ao crescimento da direita radical, pelo ponto de vista de um agente político que possuiu relevância na eleição brasileira de 2022. Mesmo que Janones tente romantizar algumas coisas,³ sua importância estratégica nesse evento foi inegável. Há, claro, uma discussão sobre até que ponto esse modelo pode ser utilizado em outras conjunturas políticas, até que ponto esse *janonismo cultural* funcionaria na Itália, Alemanha, Estados Unidos? Talvez já existam até políticos progressistas nesses lugares tentando emular um estilo de Trump, por exemplo.

O próprio André Janones acha que esse modelo dele, de usar a *internet*, não deve ser usado indefinidamente (Janones, 2023, p. 170). O próximo passo passa necessariamente pela construção de instituições e mecanismos de controle jurídico nas redes.

Estudar as respostas jurídicas que foram dadas no Brasil aos avanços da direita radical é um tema de muita relevância, também vale dizer, porque agora Jair Bolsonaro está inelegível, por decisão do Supremo Tribunal Eleitoral, e vários de seus apoiadores estão presos, depois dos violentos ataques realizados na tentativa de golpe do 8 de janeiro. A atuação de certos ministros, *vide*

³ Aqui nos referimos ao fato de que certas decisões suas podem ser lidas como oportunismos políticos.

Alexandre de Moraes e Flávio Dino, marcaram a história dos rumos da democracia brasileira e sua defesa.

Em suma, o livro nos soa uma obra indispensável para se entender a política contemporânea no Brasil. Enquanto uma obra que talvez não seja traduzida para outros idiomas, é indispensável uma boa compreensão da língua portuguesa para o estudo de tal texto de Janones.

Referências

Azevedo, G. C.; Paiva, M. J. (2022). "Introdução para uma análise sobre o pensamento conservador brasileiro no período mais recente da presença obrigatória da Sociologia no Ensino Médio (2008-2018)." *Educação Unisinos*, 26. <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/25194/60749288>. (Acesso em: 7 set. 2024).

Baer, W. (2009). *A economia brasileira*. São Paulo, Nobel.

Cardoso, F. H. (2013). *O Improvável presidente do Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Empoli, G. (2020). *Os engenheiros do caos*. São Paulo, Vestígio.

Janones, A. (2023). *Janonismo cultural: o uso das redes sociais e a batalha pela democracia no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

De Paiva, Mário Jorge. *Book Review. Janonismo cultural: o uso das redes sociais e a batalha pela democracia no Brasil (Janones, 2023).*

Nicolau, J. (2020). *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018.* Rio de Janeiro, Zahar.

Paiva, M. J. (2024). "Olavo de Carvalho e as pautas LGBTI+: análise introdutória do artigo Mentiras gays." *REBEH, Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*. 7 (22), pp. 1-23.

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15733/13494> (Acesso em: 28 ago. 2024).

Rocha, C. (2021). *Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil.* São Paulo, Editora Todavia.

Rocha, J. C. C. (2023). *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico.* São Paulo, Autêntica.